

Histórias na palma da mão

Projetos de leitura ganham visibilidade e levam educação e cultura para a população. Especialistas comentam a importância da leitura como processo básico de formação cidadã

POR GIOVANNA RODRIGUES* E JÚLIA SIRQUEIRA*

A leitura vai muito além do simples ato de decifrar palavras. É um verdadeiro instrumento de desenvolvimento cognitivo, emocional e social. “Família e escola são os pilares fundamentais na construção do leitor. Quando ambos atuam juntos, a leitura deixa de ser obrigação e se torna prática de vida”, resume Priscilla Montes, educadora especializada em infância e adolescência.

No Brasil, dados do Instituto Pró-Livro, de 2023, mostram que 45% da população adulta não tem o hábito de ler livros, enquanto apenas 25% das crianças de 6 a 14 anos leem livros regularmente fora da escola. Esse cenário evidencia a importância de projetos que incentivem a leitura desde cedo, fortalecendo a cidadania, o pensamento crítico e a empatia.

O economista e sociólogo César Bergo encara o ato de ler como um direito social básico. “O acesso aos livros é uma forma concreta de exercer a cidadania e a liberdade. Assim como o desenvolvimento físico, ela é essencial para o crescimento intelectual e emocional do indivíduo.” E para que projetos de incentivo à leitura sejam eficazes, planejamento e continuidade são fundamentais. “Essas ações exigem investimento e boa gestão. Feiras, saraus e eventos culturais precisam ser bem-estruturados para evitar

A idealizadora do projeto é a professora e pedagoga Ana Neila Torquato (de preto), também escritora de diversos livros infantis



T-Bone/Divulgação



O açougue T-Bone virou uma referência cultural

desperdícios e garantir que os livros realmente cheguem à população.”

Com esse propósito, iniciativas comunitárias e projetos culturais vêm transformando a forma como

crianças e adultos se relacionam com a literatura. É nesse contexto que surgem histórias como a do dono do açougue T-Bone, Luiz Amorim, que inspirou uma série de projetos inovadores de leitura e cultura em Brasília, abrindo caminhos para pequenas bibliotecas itinerantes e clubes de leitura em diferentes espaços da cidade.

O açougueiro passou a juventude lendo assiduamente, chegando a finalizar de 10 a 15 livros por mês, e com essa sua bagagem literária, pensou que todos deveriam ter acesso ao mesmo. “Fiquei muito encantado com a ideia de fazer cultura e levar cultura para as pessoas, veio uma inquietação de ter um país melhor trabalhando nisso”, conta.

Em 1994, Luiz comprou o açougue onde trabalhava, na 312 Norte, e instalou uma prateleira com livros para os clientes. Qualquer um podia escolher um livro, folhear, pegar emprestado, devolver quando quisesse e até deixar outro no lugar. Aos poucos, o acervo foi aumentando e uma biblioteca surgiu. A ideia, então, foi transportada para as paradas de ônibus, com minibiibliotecas, democratizando o ainda mais o acesso.

“O livro, para mim, foi e continua sendo uma ferramenta maravilhosa. A leitura abre nossa mente para novas ideias e formas de pensar, e é essencial incentivar isso em todo canto”, detalha Luiz. Do pioneirismo dele, surgiram várias iniciativas, que a Revista compartilha com os leitores.